

O ATIVISMO ANTI-VACINA NA INTERNET

POR KENNETH R. DE CAMARGO JR.



Vacinas são provavelmente a intervenção de maior sucesso, segurança e baixo custo do arsenal da saúde pública. Desde o início da sua adoção, porém, elas têm enfrentado oposição, frequentemente motivada pelo medo e ignorância.

No entanto, a utilização generalizada de vacinas tem reduzido drasticamente a morbimortalidade de todo um conjunto de doenças. Pela primeira vez na história da humanidade uma doença viral grave, em muitos casos letal – a varíola – foi exterminada da face da terra. E outra – a poliomielite – está em vias de extinção.

Apesar de seus sucessos, ou talvez por causa deles, no entanto, as vacinas estão mais uma vez sob ataque. Alimentada pela má ciência* (1), informações de má qualidade (2) e todo um exército de aproveitadores que têm como estratégia de marketing para seus produtos duvidosos desacreditar a ciência, mesmo a mais sólida, uma onda de negação do conhecimento sobre vacinas tem varrido o mundo industrializado, trazendo de volta doenças (como o sarampo nos EUA) previamente erradicadas, por vezes com consequências letais (3-5).

Pais assustados são expostos a versões exageradas (ou fabricadas) de possíveis efeitos colaterais relacionados com vacinas, ao mesmo tempo que os riscos reais de doenças evitáveis são minimizados, levando-os a manter seus filhos longe do programa de vacinação recomendada. Particularmente notório é o mito persistente, sem base na realidade e totalmente demolido por um grande número de estudos científicos adequados, todos publicados em respeitáveis revistas acadêmicas com revisão por pares, de uma ligação entre vacinas e autismo, decorrente de um estudo cheio de falhas e conflitos de interesse (6) – e que foi removido (*retracted*).

**AS VACINAS ESTÃO MAIS UMA VEZ SOB ATAQUE,
ALIMENTADA PELA MÁ CIÊNCIA, INFORMAÇÕES DE MÁ
QUALIDADE E TODO UM EXÉRCITO DE APROVEITADORES
QUE TÊM COMO ESTRATÉGIA DE MARKETING PARA SEUS
PRODUTOS DUVIDOSOS DESACREDITAR A CIÊNCIA**

*Definir exatamente o que seria a boa ciência vai além do escopo deste texto; sobre a má ciência, basta o comentário de McGarity e Wagner(1): "Conquanto filósofos e sociólogos da ciência possam debater algumas das qualidades precisas que definem a ciência, todos eles concordam que pesquisa conduzida com um resultado predeterminado não é ciência".

pela própria revista – escrito por um autor desacreditado que foi banido da profissão médica no Reino Unido devido às múltiplas infrações éticas cometidas na elaboração do tal artigo.

Anti-establishmentarianismo, desconfiança da ciência e da medicina e adesão à falácia naturalista (tudo que é “natural” é necessariamente “bom” e “saudável”) são os motores que impulsionam o antivacinaçãoismo. E é na internet que encontram terreno fértil para sua propagação. Sites com nomes sedutores, como “Vaccine Truth”, “Vaccine Reeducation Forum”, “National Vaccine Information Center” propagam ativamente desinformação sobre vacinas(7), legitimando-se uns aos outros e constituindo uma barreira de pseudo-expertise em torno de afirmações facilmente desmentidas, mas aceitas como verdade pelo seu público cativo.

O ativismo anti-vacina representa um desafio para nós, profissionais e pesquisadores de saúde coletiva, pelo potencial que traz de comprometimento de uma política de saúde pública com sólidas fundações científicas. A ciência é um empreendimento humano e, como tal, está sujeito às mesmas vicissitudes de qualquer atividade humana. Há muitas

A ciência é um empreendimento humano e, como tal, está sujeito às mesmas vicissitudes de qualquer atividade humana

evidências de interferência indevida dos interesses comerciais nas ciências biomédicas (8), mas, no entanto, é o exame sistemático das afirmações científicas que expôs esses problemas. A ciência tem de fato mecanismos de auto-correção. Como Harry Collins e Trevor Pinch, dois sociólogos da ciência que estudam o funcionamento interno da investigação científica durante décadas, colocaram, “A ciência pode estar errada (...), mas isso não torna o ponto de vista oposto correto. Na ausência de pesquisas cuidadosas sobre o ponto de vista oposto, a ciência é provavelmente o caminho a se apostar. Isto é ainda mais provavelmente verdadeiro, se a ciência estiver continuamente colocada sob escrutínio” (9).

*Kenneth R. de Camargo Jr. é Professor Associado, IMS/UERJ, Editor de *Physis*, Editor Associado do *American Journal of Public Health* e membro da Comissão de Ciências Sociais e Humanas em Saúde da Abrasco.

REFERÊNCIAS

- (1) McGarity TD & Wagner WE. *Bending Science: How Special Interests Corrupt Public Health Research*. Cambridge, Mass. & London, UK:Harvard University Press, 2010 (p. 7)
- (2) Mnookin, S. *The panic virus: a true story of medicine, science, and fear*. New York: Simon and Schuster, 2011.
- (3) van den Hof, S., Meffre, C. M., Conyn-van Spaendonck, M. A., Woonink, F., de Melker, H. E., & van Binnendijk, R. S. Measles outbreak in a community with very low vaccine coverage, the Netherlands. *Emerging infectious diseases*, 7(3 Suppl), 593, 2001
- (4) Pegorie, M., Shankar, K., Welfare, W. S., Wilson, R. W., Khiroya, C., Munslow, G., ... & McCann, R. Measles outbreak in Greater Manchester, England, October 2012 to September 2013: epidemiology and control. *Euro Surveill*, 19(49), 20982, 2014
- (5) Barlow, R. S., Reynolds, L. E., Cieslak, P. R., & Sullivan, A. D. Vaccinated children and adolescents with pertussis infections experience reduced illness severity and duration, Oregon, 2010–2012. *Clinical Infectious Diseases*, 58(11), 1523-1529, 2014
- (6) Wakefield AJ, Murch SH, Anthony A, et al. **RETRACTED:** Ileal-lymphoid-nodular hyperplasia, non-specific colitis, and pervasive developmental disorder in children. *The Lancet*. 1998;351(9103):637-641.
- (7) Moran M. Why are anti-vaccine messages so persuasive? A content analysis of anti-vaccine websites to inform the development of vaccine promotion strategies. In 143rd APHA Annual Meeting and Exposition (October 31–November 4, 2015) 2015 Nov 3. APHA.
- (8) Camargo Jr, K.R. Public health and the knowledge industry. *Revista de Saúde Pública*, 43(6), 1078-1283, 2009
- (9) Collins H & Pinch T. *Dr. Golem: How To Think About Medicine*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005 (p. 202)